

INTRODUÇÃO À ANTROPOSOFIA

Caros amigos, coube a mim a tarefa de abrir esta nova edição do curso de introdução à Antroposofia, e eu me pergunto, o que posso dizer-lhes para que se sintam convidados a acolher em seus pensamentos e sentimentos esta cosmovisão antroposófica, e como?

Steiner costumava dizer que aquele que quisesse falar sobre Antroposofia devia supor que, em última análise, o que ele quer dizer não é senão o que cada um de seus ouvintes já diz em seu coração. Que o tom fundamental de uma exposição antroposófica deve ser de tal forma que chegue a tocar o anseio mais profundo do coração dos seres humanos que necessitam da Antroposofia.

Talvez dentre as perguntas que vocês trazem consigo para este encontro, a primeira seja: Afinal, o que é Antroposofia? Para tentar responder a ela devo tecer algumas considerações.

Nos séculos XV/XVI, a consciência humana empreendeu um importante passo numa nova direção. Uma nova autoconsciência despertava. Ela queria emancipar-se do antigo dogmatismo eclesiástico e da mística medieval. Assumiu seu lugar frente à natureza considerando-a objeto de pesquisa, pois queria conhecê-la o mais objetivamente possível. Francis Bacon (1561-1626) foi o intérprete metodológico dessa nova consciência. Ele dizia:

" Se reduzirmos nossos objetos de pesquisa ao que podemos medir, pesar e contar, poderemos nos assegurar de estar em solo objetivo. Neste, sentimentos místicos não podem mais pregar-nos peça alguma. E se tentarmos compreender as relações entre os fenômenos sob forma de causalidades mecânicas, também aí estaremos em solo firme. Neste, dogmas teológicos não podem pregar-nos mais peça alguma."

Esta nova época em que a humanidade entrou no início do século XV caracteriza-se principalmente por uma perda consistente do verdadeiro conhecimento sobre a entidade do ser humano. Essa perda acompanhou os grandes progressos da ciência na investigação da natureza e o surgimento das tecnologias resultantes, as quais imprimem seu cunho sobre o mundo atual em escala cada vez maior. Entretanto tal perda causa uma intensa insatisfação nas camadas mais profundas da alma humana, suscitando ainda perguntas existenciais, que, não obtendo respostas, tornarão cada vez menos possível uma existência humana digna na Terra.

Isso me remete a algo que Rudolf Steiner disse, em um ciclo de conferências proferidas em Dornach entre os meses de janeiro e fevereiro

de 1924: "quando observamos hoje as pessoas que se elevam acima da superfície da vida, vemos que nelas foram renovadas antigas sensações, frequentes em cada alma humana. Vemos que as pessoas têm graves perguntas em seu subconsciente, perguntas que não podem ser formuladas com clareza pelo pensamento, e que também não podem encontrar resposta no mundo civilizado. Não obstante, tais perguntas existem, estão profundamente arraigadas num grande número de pessoas e estão presentes, de fato, em todos os seres pensantes da atualidade. Quando essas perguntas se expressam em palavras, parece de início que elas estão muito distantes, quando na verdade estão bem próximas! Elas estão na vizinhança mais imediata da alma do indivíduo pensante.

De início, podemos expor duas questões da mesma esfera de enigmas que oprimem hoje as pessoas. Uma delas surge para alma humana assim que ela olha para a própria existência e para o mundo que a circunda. A alma vê o homem entrar na existência terrena através do nascimento, vê a vida transcorrer entre nascimento e morte física, e passar pelas mais variadas experiências exteriores e interiores. Vê também fora, na Natureza, toda a quantidade de impressões que recebe e preenchem gradativamente a própria alma.

Então, a alma humana presente no corpo observa, sobretudo, que a **Natureza recolhe tudo aquilo que a alma vê na existência física; que na morte, ela acolhe o corpo físico e o que ela faz dele? Aniquila-o.** Isto causa uma profunda impressão sobre o que acontece à alma, sempre que ela observa o que se passa com o instrumento através do qual são executadas todas as ações humanas entre nascimento e morte. Então olha para a Natureza e diz: "A Natureza que faz brotar de seu seio a mais prodigiosa cristalização, que faz surgir por encanto plantas germinantes a cada primavera, que preenche a Terra das mais variadas espécies animais, que ergue a água e a dispõe em nuvens, esta mesma natureza procede de forma a reduzir a pó o que o homem traz consigo entre nascimento e morte. **A Natureza com suas leis é destrutiva para o ser humano. Ela não sustenta o corpo humano. É o que o ser humano vê; embora ele não forme ideias a respeito, tem essa compreensão profundamente arraigada em si mesmo, em especial quando se encontra diante da visão da morte.** E então surge-lhe a pergunta: De onde vem a configuração humana? Vejo as formas admiráveis do cristal, das plantas, dos animais, como os rios correm pela Terra, vejo as montanhas, e mesmo assim, a figura humana não pode vir disto tudo, porque tudo isto só tem a força de aniquilamento, de pulverização da configuração humana como tal.

E aí, na antevisão da morte, surge angustiante a pergunta: De que mundo provém a configuração humana, uma vez que o ser humano, com sua forma, não pertence a este mundo? **O homem está na Terra e tem no fundo da alma o sentimento de não pertencer a ela, de que deve**

existir outro mundo do qual ele tenha surgido com sua figura. A qual dos dois mundos pertencço? Quando o ser humano considera sua existência física que é seu instrumento entre nascimento e morte, ele sabe bem: Sem este mundo físico eu não poderia viver a existência terrena, porque tenho de continuamente contrair empréstimos com a vida no mundo sensível. Mas no mundo visível, em parte alguma do exterior se pode encontrar este meu próprio ser. Que faço eu, através do meu próprio ser, com o bocado que pus na boca, com o gole de água que bebi? **Quem sou eu que recebo as substâncias da Natureza e as transformo? Quem sou eu? De onde venho? É o que ressoa no coração das pessoas de hoje. Esta é a grande pergunta.** E, se as pessoas estão insatisfeitas com o que lhes é oferecido pela Ciência moderna, é porque trazem no fundo da alma este questionamento que as ciências estão bem longe de abordar.

Houve no passado uma ciência que falava sobre esse mundo desconhecido. Mas a consciência moderna deixou essa ciência antiga se perder. Ela não vale mais; foi transmitida, mas não é mais válida.

Ela já não é considerada para responder à pergunta angustiante que brota destes dois fatos subconscientes. Então se oferece ao homem uma segunda possibilidade: a Arte. Mas, hoje, onde está o artista que sabe empregar a substância física terrestre de modo que esta substância mostre o reflexo daquele outro mundo ao qual o homem verdadeiramente pertence?

A terceira tradição do passado é mantida pela Religião: ela aponta para o sentir humano, para a devoção humana por aquele outro mundo. E a antiga religião era revelação cósmica. Revelação cósmica na hora do nascimento e na hora da morte. Ela permaneceu conservada em uma literatura alheia ao mundo, distante do próprio mundo. O homem da civilização contemporânea não pode mais distinguir nenhuma relação entre o que foi transmitido como conteúdo religioso e o que agora é um enigma angustiante.

Portanto, a Ciência dos antigos tornou-se decadente, a Arte antiga não é mais sentida em sua interioridade e o que lhe é apresentado como substituto é algo que o homem não pode elevar até o irradiar do espiritual na substância física. A religiosidade dos tempos antigos permaneceu, mas não se vincula ao mundo em nenhuma direção, porque apesar dela, o mundo permanece um enigma no que diz respeito ao ser humano.

Assim se encontra o ser humano diante do universo. Onde está o conhecimento do mundo que faça jus a estes sentimentos?

A Antroposofia gostaria de ser esse novo conhecimento do mundo; ela gostaria de falar sobre o mundo e sobre o ser humano de maneira a suscitar por sua vez, algo que possa ser compreendido pela consciência moderna, assim como a consciência antiga compreendeu a Ciência, a Arte e a Religião antigas. A Antroposofia tem sua imensa tarefa através da própria

voz do coração humano. Ela não é senão o profundo anseio do ser humano do presente. É isso o que a Antroposofia quer ser, meus caros amigos. Ela corresponde ao que o ser humano anseia mais intensamente para sua existência interior e exterior." (Antroposofia, um resumo 21 anos depois)

A Antroposofia, como Ciência Espiritual moderna vem hoje ao encontro dessa nova busca pelo cerne do ser humano. Em sua autobiografia (Minha Vida) Rudolf Steiner caracterizou esse problema da seguinte maneira: " o mundo todo, exceto o ser humano, é um enigma, o verdadeiro enigma cósmico; e o próprio ser humano é a solução". De acordo com essa afirmação condutora, é preciso em primeiro lugar solucionar o enigma do ser humano, constituído principalmente da entidade do Eu e da consciência do Eu relacionada à primeira, para então ser possível reconhecer corretamente os distintos âmbitos do mundo à nossa volta. O cerne do ser humano, porém, não possui suas raízes no mundo físico-sensorial, mas no mundo espiritual, portanto, este deve ser investigado no intuito de solucionar esta questão.

Por essa razão a Antroposofia consiste inicialmente em um método científico moderno que representa uma continuação e ampliação da Ciência Natural no campo do mundo espiritual, onde se encontra a origem da verdadeira essência do ser humano. Rudolf Steiner descreve em sua obra com o cuidado e precisão rigorosos de um cientista, as mais diversas esferas suprassensíveis, tomando por base sua investigação espiritual, servindo-se do mesmo método fundamentado e realizado em suas primeiras obras filosóficas. As diferentes aplicações práticas dos resultados de suas pesquisas comprovam a cientificidade, profundidade e abrangência da Antroposofia.

"A Antroposofia é um caminho de conhecimento que deseja levar o espiritual da entidade humana para o espiritual do universo. Ela aparece no ser humano como uma necessidade do coração e do sentimento, e deve encontrar sua justificativa no fato de poder proporcionar a satisfação dessa necessidade. A Antroposofia só pode ser reconhecida por uma pessoa que nela encontra aquilo que, a partir de sua sensibilidade, deve buscar. Portanto, somente podem ser antropósofos, as pessoas que sentem como uma necessidade de vida certas perguntas sobre a essência do ser humano e do universo, assim como se sente fome e sede." Rudolf Steiner

(Trad. de V.W.Setzer)

O Caminho Cognitivo da Antroposofia

Quando Steiner apresenta os frutos de sua pesquisa espiritual como conteúdo do livro *Ciência Oculta*, ele admite que seu teor deveria ser dado em pensamentos que, para a apresentação do âmbito espiritual, fossem **aperfeiçoamentos adequados dos pensamentos aplicados nas Ciências Naturais.**

(...) Contudo, somente com tais pensamentos não se pode expor o que se revela à visão suprasensível como mundo do espírito – pois essa revelação não cabe num mero conteúdo intelectual. (...) Pensamentos da consciência habitual são apropriados apenas para comunicar as percepções sensoriais, e não para revelar o que se observa espiritualmente.

O conteúdo da visão espiritual só pode expressar-se por meio de imagens (imaginações), através das quais falam inspirações provenientes da entidade espiritual vivenciada de modo intuitivo. No entanto, quem descreve imaginações do mundo espiritual hoje, não pode limitar-se a apresentar essas imaginações. Com isto colocaria ao lado do conteúdo cognitivo da época outro conteúdo de consciência sem qualquer ligação com aquele.

Ele deve preencher a consciência atual com aquilo que uma outra consciência, ao contemplar o mundo espiritual, é capaz de conhecer. Então seu relato terá por conteúdo esse mundo espiritual; porém tal conteúdo se apresenta sob forma de pensamentos aos quais ele tem acesso, tornando-se plenamente compreensível à consciência comum – que pensa conforme a atualidade mas ainda não tem visão do mundo espiritual. (...) Para realmente possibilitar um entendimento, quem expõe visões espirituais deve vertê-las corretamente em pensamentos, sem que elas percam seu caráter imaginativo.

Essa compreensão só faltará se a própria pessoa lhe antepuser obstáculos – identificando-se com os modernos preconceitos relativos aos limites do conhecimento criados por uma concepção errônea da natureza.

A quem leia com cuidado as observações preliminares com que Steiner abre A Ciência Oculta, torna-se evidente que ele contava com uma forte resistência sob a forma de objeções e preconceitos. Afinal, seu trabalho estava fundado em um novo paradigma epistemológico. Não obstante, com a fé inabalável que move todo grande pioneiro, ele corajosamente insiste em apresentar os frutos de sua pesquisa espiritual – os quais sentia como extremamente necessários à humanidade -- e o faz de forma amorosa, colocando-se no lugar daqueles que lhe desferiam ataques e buscando compreendê-los para melhor lhes responder.

Ele mesmo se refere a isto nas seguintes palavras: “Naquela época (1909) a publicação do livro pareceu-me uma façanha, pois eu sabia que não podiam ter isenção de ânimo aqueles que se dedicavam profissionalmente à Ciência Natural, nem tampouco aqueles que, em seus juízos, dependiam deles.

No entanto, presente diante de minha alma estava o fato de, na época em que a consciência da humanidade se havia afastado ao máximo do mundo espiritual, as comunicações desse mundo superior serem uma necessidade imperiosa. Eu contava com a existência de pessoas que sentissem ora mais, ora menos o afastamento da espiritualidade como um impedimento tão grave em suas vidas, que assimilassem com íntima ansiedade as comunicações do mundo espiritual.”

Ele mesmo prossegue dizendo: “Quando alguém deixa seu juízo ser invadido pela afirmativa de que a visão espiritual não pode ser compreendida pela consciência comum, ainda não vidente – por causa de seus limites – esse juízo baseado em sensação se antepõe ao entendimento como uma nuvem escurecedora e a pessoa realmente nada pode entender.”

Steiner admitia que a atividade cognitiva humana, tal como atua na vida cotidiana e na ciência comum é realmente constituída de forma a não poder penetrar nos mundos superiores. Entretanto, assim afirmava ele, ela pode ser fortalecida, revigorada. Apenas que os meios para seu fortalecimento são de natureza inteiramente espiritual; trata-se de procedimentos anímicos, puramente interiores. Eles consistem naquilo que a própria Ciência Oculta descreve como meditação, concentração, contemplação. A vida anímica comum está ligada aos instrumentos corpóreos. A vida anímica

fortalecida se liberta deles. Por isso mesmo é que trabalhou conscientemente para não fazer uma exposição popular, mas uma que exigisse um autêntico esforço mental para se penetrar no conteúdo, de forma que a leitura, por si mesma, já constituísse o início de uma disciplina espiritual.

Por outro lado, “embora o livro se ocupe com pesquisas não verificáveis pelo intelecto ligado ao mundo sensório, **nada se expõe que não possa ser comprovado pela razão imparcial e pelo sentido sadio da verdade de qualquer pessoa disposta a fazer uso de tais faculdades**”.

Assim, ele também desejava que seus leitores não aceitassem tais conteúdos com uma fé cega, mas que se esforçassem para comprová-lo valendo-se dos conhecimentos da alma e das experiências da própria vida. Não lhe interessavam a fé cega, nem a insensatez ou a superstição, mas uma observação conscienciosa a partir de uma abertura ou ausência de preconceitos e o uso do juízo são.

E foi sua intenção descrever claramente a natureza dos processos anímicos mediante os quais o conhecimento se liberta de seus limites existentes no mundo sensorial e se torna apto a vivenciar o mundo suprasensível. **Importava-lhe oferecer uma visão dos mundos suprasensíveis com os meios possíveis e adequados à alma na presente época evolutiva e , permitir desse ponto de vista, a observação dos enigmas do destino e da existência humana além dos limites de nascimento e morte.** Como podemos constatar de suas próprias palavras: “A observação do mundo visível propõe ao homem enigmas que jamais podem ser solucionados a partir dos fatos desse mesmo mundo. É que por sua natureza intrínseca, os fatos visíveis apontam claramente para um mundo oculto. (...)A Ciência Oculta é a ciência daquilo que ocorre secretamente na medida em que não é percebido lá fora, na natureza, e sim na região para onde a alma se orienta ao dirigir seu íntimo ao espírito”.

“O caminho para a Ciência Oculta pode ser encontrado, no momento oportuno, por qualquer pessoa que reconheça – ou apenas imagine, ou

adivinha – a partir do mundo visível, a existência de uma realidade oculta, e que, consciente da prontidão das forças cognitivas para o desenvolvimento, seja compelida à sensação de que essa realidade oculta poderia revelar-se a ela. A uma pessoa conduzida à Ciência Oculta por essas vivências da alma, abre-se não só a perspectiva de encontrar resposta a certas indagações de seu impulso cognitivo, como também aquela, totalmente diversa, de vencer tudo o que lhe dificulte e debilite a vida. E, em certo sentido superior, significa um enfraquecimento da vida ou uma espécie de morte da alma o fato de um homem se ver obrigado a afastar-se do âmbito suprasensível ou negá-lo.

Sim – sob certas condições, uma pessoa poderá chegar ao desespero se perder toda a esperança de ter uma revelação do oculto. Essa morte e esse desespero, em suas múltiplas formas, são ao mesmo tempo adversários anímicos, interiores, do esforço científico-espiritual, e surgem quando desvanece a força interior do homem. Nesse caso, toda força vital lhe deve ser administrada de fora, se é que realmente ele deve recebê-la. Então ele passa a perceber os objetos, seres e ocorrências que lhe afetam os sentidos analisando-os com o intelecto. Estes lhe causam prazer e sofrimento; impulsionam-no para as ações de que é capaz. Mesmo continuando nesse processo por algum tempo, ele alcançará ponto em que morrerá interiormente, pois aquilo que se pode extrair do mundo para o homem se esgota. Esta não é uma afirmação oriunda da experiência pessoal de um indivíduo, e sim o resultado de uma observação imparcial de toda a vida humana.

O que preserva desse esgotamento é o elemento oculto que repousa na profundidade das coisas. Caso se acabe no homem a energia para descer a essas profundidades, a fim de sempre extrair nova força vital, no final nem mesmo o exterior das coisas se mostrará capaz de fomentar a vida.

De maneira alguma esse assunto diz respeito apenas ao ser humano individual, com suas alegrias e dores pessoais. Justamente por meio de considerações científico-espirituais verídicas o homem chega à certeza de que, de um ponto de vista superior, as alegrias e dores do indivíduo se relacionam intimamente com o bem-estar e o infortúnio de todo o universo. Existe aí um caminho pelo qual o homem chega à convicção de que estará

prejudicando o mundo inteiro e todos os seres nele existentes caso não desenvolva adequadamente nele suas próprias forças. **Tornando sua vida estéril pela perda de contato com o supracosmético, o homem não só destrói em seu íntimo algo cuja extinção pode levá-lo ao desespero, como também cria, por sua fraqueza, um obstáculo à evolução de todo o mundo onde vive.**"

ANIMA

Milton Nascimento

Lapidar

Minha procura toda
Trama lapidar
O que o coração
Com toda inspiração
Achou de nomear
Gritando alma

Recriar

Cada momento belo
Já vivido e mais
Atravessar fronteiras
No amanhecer
E ao entardecer
Olhar com calma, então

Alma vai

Além de tudo
Que o nosso mundo
Ousa perceber

Casa cheia de coragem

Vida
Tira a mancha que há no meu ser
Te quero ver
Te quero ser
Alma
Te quero ser
Alma

Viajar

Nessa procura toda
De me lapidar
Nesse momento agora
De me recriar
De me gratificar
Te busco alma
Eu sei

Casa aberta

Onde mora o mestre
O mago da luz
Onde se encontra o templo
Que inventa a cor
Animará o amor
Onde se esquece a paz

Alma vai

Além de tudo
Que o nosso mundo
Ousa perceber
Casa cheia de coragem
Vida
Todo afeto que há no meu ser
Te quero ver
Te quero ser
Alma

Te quero ser

Alma

